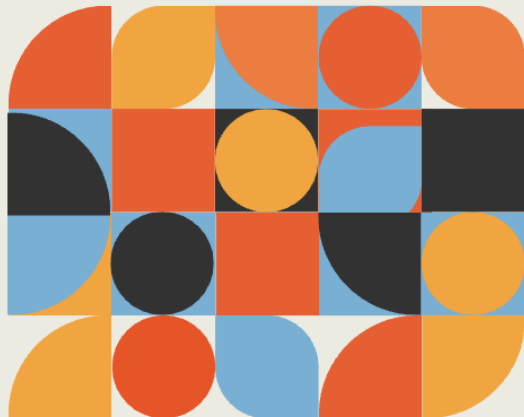




A MODA TRANSVIADA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA À CULTURA CISHETERONORMATIVA

Queer fashion as an instrument of resistance to cisheteronormative culture

Costa; Miguel S.; Graduado; Centro Federal de Educação tecnológica de Minas Gerais,
contato.miguelscosta@gmail.com¹

Caldeira; Wilian Wallace A.; Graduando; Centro Federal de Educação tecnológica de Minas Gerais,
wil.walace66@gmail.com²

Bessa; Rodrigo; Dr., UAM; Brasil, 2019; Professor Efetivo do Centro Federal de Educação Tecnológica De
Minas Gerais, bessarodrigo@cefetmg.br³

Möller, Eliza Dias; Mestre; Universidade Federal de Juiz de Fora, elizadmoller@gmail.com⁴

Resumo: Este estudo analisa a moda como instrumento de resistência à cultura cisheteronormativa na comunidade LGBTQIAPN+, por meio de uma metodologia qualitativa baseada na análise de imagens, conforme Diane Crane (2006). A partir das figuras de Oscar Wilde e Gottmik, e das teorias de Judith Butler, Teresa de Lauretis e John Hopkins, investiga-se como a moda subverte normas de gênero. O trabalho resultou na criação das coleções “Sodomita” e “Cistema Desmontado”, compostas por famílias comerciais e conceituais.

Palavras chave: Cisheteronormatividade; Moda; Resistência.

Abstract: This study examines fashion as a tool of resistance against cisheteronormativity within the LGBTQIAPN+, using a qualitative methodology based on image analysis, according to Diane Crane (2006). Through the figures of Oscar Wilde and Gottmik, and the theories of Judith Butler, Teresa de Lauretis, and John Hopkins, it explores how fashion subverts gender norms. The research resulted in the creation of the collections “Sodomita” and “Cistema Desmontado,” composed of commercial and conceptual lines.

Keywords: Cisheteronormativity; Fashion; Resistance.

1. Introdução

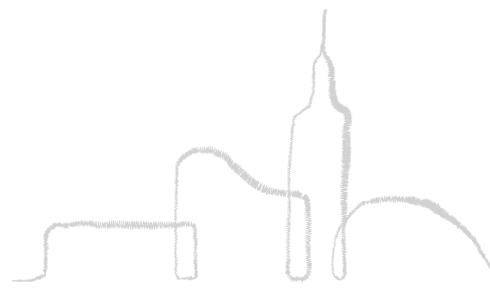
A moda sempre desempenhou um papel crucial na expressão individual e coletiva, funcionando como uma poderosa ferramenta de comunicação e resistência. Para a comunidade LGBTQIAPN+, constitui-se como

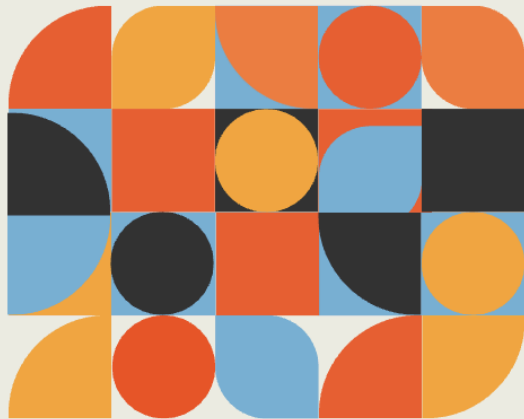
¹ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0954535479867110>.

² Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3020538465197461>.

³ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2255420884669476>.

⁴ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2761039644738589>.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

um meio fundamental de subversão das normas cisheteronormativas que estruturam a sociedade. O propósito deste trabalho é investigar como a comunidade *queer*⁵ utiliza o vestuário para desafiar essas normas e examinar as relações entre moda e identidade de gênero, com foco em Oscar Wilde (1854-1900), escritor inglês, e Kade Gottlieb (1996), conhecido por sua *drag queen* Gottmik.

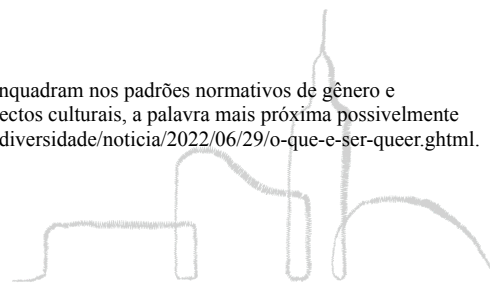
O estudo explora o contexto histórico da comunidade LGBTQIAPN+ e o desenvolvimento da *Teoria Queer*, analisando de que forma pessoas *queer* rompem com as binariedades de gênero e sexualidade através da moda. A partir de uma análise qualitativa de imagens, com base na metodologia utilizada por Diane Crane (2006) em “A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas”, a pesquisa examina através de imagens como as expressões de gênero são moldadas por influências culturais, históricas e tecnológicas. Essa linha de pensamento também é explorada por Elisabeth Wilson (1985) “Enfeitada de sonhos”, ao afirmar que a moda é obcecada por gênero, a autora faz uma relação entre a história da moda e concepção binária de gênero.

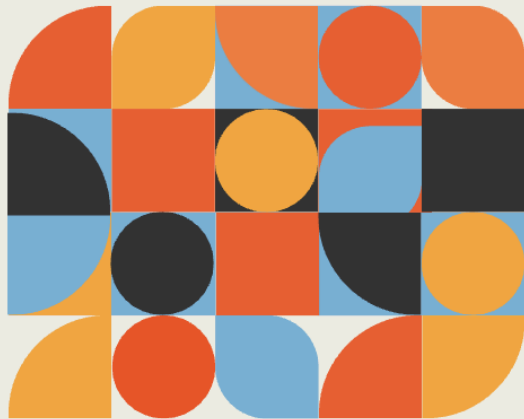
A investigação utiliza as teorias de Teresa de Lauretis (1994) em “A tecnologia do gênero” e as reflexões de John Hopkins (2013) sobre o papel da figura masculina no vestuário. As obras de Judith Butler (2018, 2013), “Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista” e “Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade” oferecem a fundamentação social e histórica deste trabalho.

As imagens analisadas incluem “Álbum de Oscar Wilde” de Marlin Holland (1988), arquivos pessoais de Gottmik e seus *looks* em “*RuPaul Drag Race*”, 13ª temporada (2021), e “*RuPaul's Drag Race All Stars*”, 9ª temporada (2024). Este artigo reconhece a subversão das normas de gênero no vestuário por indivíduos LGBTQIAPN+ e discute como essa prática influencia criações de ícones históricos e contemporâneos na moda.

2. Teoria *queer* e seu impacto na percepção do que é gênero

⁵ *Queer* é uma palavra estrangeira utilizada como um termo guarda-chuva para referir-se àqueles que não se enquadram nos padrões normativos de gênero e sexualidade. No entanto, sua tradução adequada ainda não foi estabelecida no Brasil, porém, pensando em aspectos culturais, a palavra mais próxima possivelmente seria “transviada”. Ver mais em: O Que é Ser Queer. **G1**, 29 jun 2022. Disponível em: g1.globo.com/pop-arte/diversidade/noticia/2022/06/29/o-que-e-ser-queer.ghtml. Acesso em 12 de agosto de 2024.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A Teoria *Queer* representa uma abordagem crítica que desafia concepções tradicionais de gênero e sexualidade. Ressignificado pela comunidade LGBTQIAPN+ a partir dos anos 1990, o termo “*queer*” passou a designar sujeitos dissidentes da norma cisheteronormativa. Fundamentada em movimentos feministas e pós-estruturalistas, a teoria propõe que identidades sexuais e de gênero são construções sociais, culturais e performáticas.

Judith Butler (2018), em “Os atos performativos e a constituição do gênero”, argumenta que o gênero não é uma essência, mas resultado de atos reiterados que impõem padrões de masculinidade e feminilidade. Teresa de Lauretis (1994) propõe que o gênero opera como uma tecnologia de poder: um conjunto de discursos, instituições e práticas que regulam os modos possíveis de subjetivação.

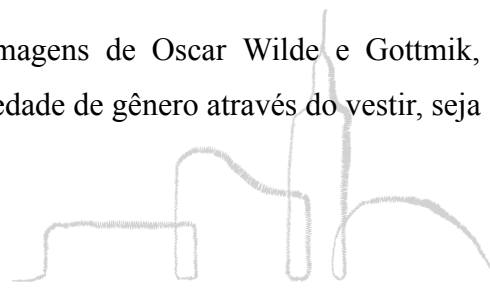
A cisheteronormatividade impõe congruência entre sexo, identidade e desejo, marginalizando vivências dissidentes. Conforme Grimm (2017), cisgeneridade refere-se àqueles cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído ao nascer. Já Vergueiro (2015) observa que expressões de gênero não normativas são constantemente marginalizadas ou punidas socialmente.

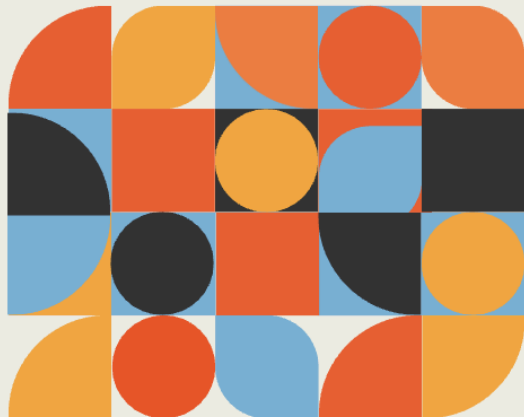
A moda, como linguagem visual e social, torna-se uma ferramenta crucial de afirmação dessas subjetividades. Wilson (1985, p. 165) afirma: “na construção da identidade, a moda transforma-se num meio importante – e até fundamental – de recriação do eu perdido ou sujeito descentrado”. A moda *queer*, portanto, configura-se como estratégia de resistência às imposições de gênero, subvertendo códigos binários do vestir.

Assim como o teatro permite múltiplas encenações de um mesmo roteiro, o gênero também pode ser performado de diferentes formas, em contextos sociais e históricos específicos. Essa metáfora teatral é central para compreender a moda como tecnologia de gênero: ela molda o corpo, comunica identidade e oferece possibilidades de reinvenção.

3. Personalidades que transcendem o gênero através do vestir

Neste tópico abordaremos através da análise qualitativa de imagens de Oscar Wilde e Gottmik, exercícios da comunidade LGBTQIAPN+ para a desconstrução da binariedade de gênero através do vestir, seja





através do detalhe, como proposto pelo dandismo vestido por Oscar Wilde, ou por signos da vivência trans performatizados em *looks* por Gottmik.

3.1 Oscar Wilde, trajetória e identidade através da moda

Oscar Wilde (1854–1900), escritor e dramaturgo irlandês, foi uma das personalidades mais marcantes do século XIX, tanto por sua obra quanto por sua postura estética dissidente. Desde jovem, demonstrava apreço pelo belo e por roupas refinadas, com cores, tecidos e adornos incomuns ao vestuário masculino da época (Holland, 2000). Seu vestir tornou-se expressão artística e resistência às normas vitorianas.

Seguidor do esteticismo, Wilde via na arte não só inspiração, mas estilo de vida. A partir de 1879, consolidou sua figura pública como dândi — homem que buscava, segundo Adverse (2018), distinção por elegância, espírito e rebeldia estética. Casacas de veludo, capas, laçarotes, bengalas e meias de seda compunham um repertório visual que rompia com a sobriedade imposta aos homens após a Revolução Francesa.

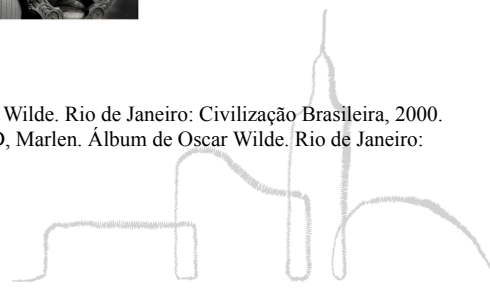
Durante sua turnê pelos Estados Unidos, em 1882, Wilde foi fotografado por Napoleon Sarony. Nessas imagens, sua estética dândi aparece com riqueza de detalhes: tecidos luxuosos, postura teatral, acessórios exuberantes [Figura 1]. Ele mescla elementos da alfaiataria inglesa com gestos refinados e modelagens arcaicas, ativando códigos que deslocam a imagem tradicional do masculino.

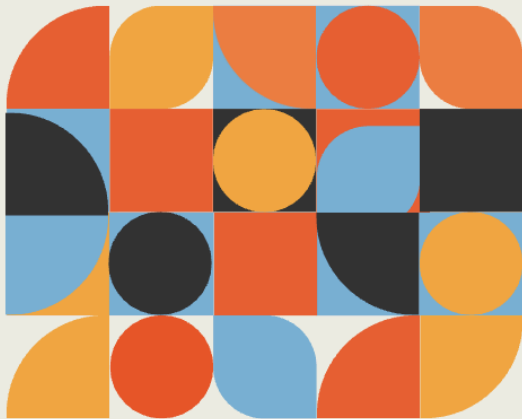
Figura 1 — Fotografias e charges de Oscar Wilde que evidenciam sua performance estética e dissidência de gênero.



Fonte: elaborado pelas autorias (2024).⁶

⁶ Imagens 1, 2, 3 e 4: SARONNOY, Napoleon. Álbum de Oscar Wilde. In.: HOLLAND, Marlen. Álbum de Oscar Wilde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Imagem 5: Oscar Wilde em 1889, fotografos William e Daniel Downey, Álbum de Oscar Wilde. In.: HOLLAND, Marlen. Álbum de Oscar Wilde. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.





Para Barthes (*apud* Adverse, 2018), o “detalhe” é o que transforma uma roupa em signo de subjetividade — e Wilde fazia desses detalhes um projeto identitário. Ao se opor ao código de vestimenta austero descrito por Hopkins (2013), que restringia os homens a tons escuros e cortes discretos, Wilde resgatava o esplendor ornamental como forma de diferenciação e crítica cultural.

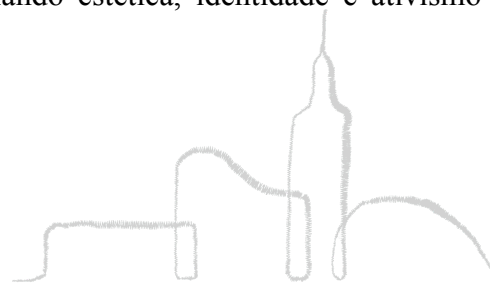
Sua estética também era performática: o corpo, os gestos e a postura tornavam-se parte do figurino. Butler (2018) afirma que o gênero é performativo, isto é, construído por atos reiterativos. Ao adotar gestualidade delicada e roupas com referências femininas, Wilde reconfigurava o papel social do homem e ampliava os limites da masculinidade. Para Lauretis (1994), o gênero é uma tecnologia cultural — e Wilde, ao vestir-se, ativava essa tecnologia para construir novas possibilidades de ser.

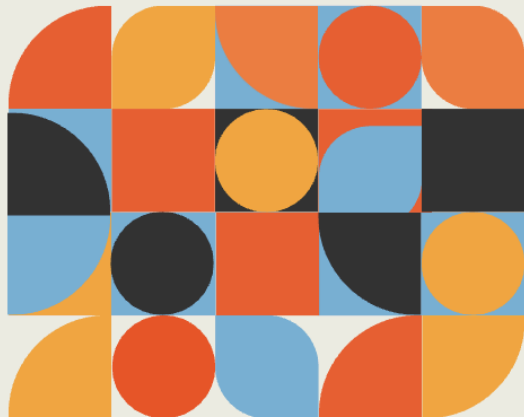
3.2 O papel das *drag queens* na desconstrução das normas de gênero

A figura da *drag queen* é uma expressão performática que parodia e exagera códigos de feminilidade, desestabilizando normas binárias de gênero. De origem no teatro do século XIX, quando homens interpretavam papéis femininos, a prática foi ressignificada pela cultura LGBTQIAPN+ como estratégia de visibilidade e crítica social (Baker, 1994).

Considerando que a repetição de atos contribui para a criação e perpetuação do “cistema”, a arte drag contradiz a norma, ao enfatizar a artificialidade do gênero e propor uma estética que mistura teatralidade, ironia e provocação. Através do corpo e da vestimenta, *drags* subvertem a cisheteronormatividade, ressignificando os sentidos do feminino e do masculino.

Com a popularização da arte *drag* em plataformas como *RuPaul’s Drag Race* (2009–), novas formas de representação passaram a circular no *mainstream*, incluindo corpos trans e não-binários. Nesse contexto, artistas como Gottmik expandem os limites da performance de gênero, articulando estética, identidade e ativismo político.



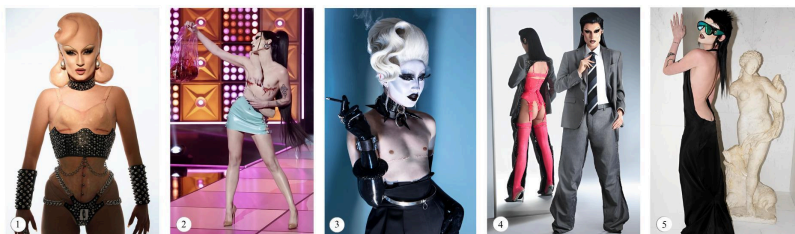


3.2.1 Gottmik: a transmasculinidade afeminada na *drag queen* de Kade Gottlieb

Kade Gottlieb, conhecido como Gottmik, é um homem trans, panssexual, afeminado e maquiador profissional, nascido em 1996 no Arizona, Estados Unidos. Formado na *Fashion Institute of Design and Merchandising* (FIDM), iniciou sua jornada como drag ao se mudar para Los Angeles. Em 2021, tornou-se o primeiro homem trans a competir no *reality RuPaul's Drag Race*, retornando em 2024 na edição *All Stars*. Sua estética combina referências de Galliano, Westwood e McQueen com a energia *clubber* dos anos 1990.

A cicatriz da mastectomia⁷ é frequentemente central em suas montações, exposta com recortes, transparências ou sangue cenográfico [Imagens 1, 2 e 3; Figura 2]. O corpo trans, frequentemente ocultado, é aqui transformado em manifesto estético. Segundo Crane (2006), a moda comunica identidades; no caso de Gottmik, ela também afirma orgulho e visibilidade.

Figura 2 — A utilização da cicatriz como elemento de moda e a quebra de estereótipos de gênero presentes nas vestes de Gottmik.



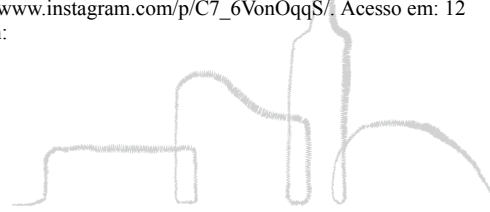
Fonte: elaborado pelas autorias (2024).⁸

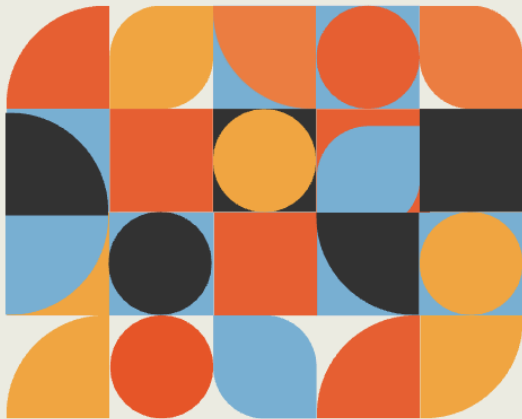
Segundo Butler (2013 [1990]; 2018), o gênero é performativo e se constrói por atos reiterados que se naturalizam. Gottmik articula essa performatividade ao exagerar gestos femininos e, simultaneamente, tensionar signos masculinos [Imagem 4; Figura 2], operando uma desmontagem do binarismo. Na imagem 5 [Figura 2], surge com vestido preto de costas nuas e decote profundo — evocando as *bumsters*⁹ de Alexander McQueen —,

⁷ Mastectomia masculinizadora, também conhecida como mamografia masculinizadora, consiste na retirada completa dos seios, criando um peitoral masculino.

⁸ Imagem 1: GOTTMIK. *Skin to skin contact*. Instagram, 20 dez. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C17DXkDyJTs/?img_index=1. Acesso em: 12 ago. 2024. Imagem 2: *Rupaul's Drag Race Wiki*. **Gottmik**. Disponível em: <https://rupaulsdragrace.fandom.com/wiki/Gottmik>. Acesso em: 12 ago. 2024. Imagem 3: GOTTMIK. *My story in @gaytimes is OUT NOW* [...]. Instagram, 6 jun. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByTN9r9AXRW/>. Acesso em: 12 ago. 2024. Imagem 4: GOTTMIK. *I won't tell if you won't tell* [...]. Instagram, 16 dez. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C7_6VonOqqS/. Acesso em: 12 ago. 2024. Imagem 5: GOTTMIK. *Mornings in Paris with @loewe* [...]. Instagram, 1 mai. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C4BJUcOoCx/?img_index=2. Acesso em: 12 ago. 2024

⁹ Calças cortadas de modo que o cós revele o início das nádegas; modelo precursor das calças cintura baixa.





em contraste com uma escultura clássica feminina. A justaposição entre moda contemporânea e arte tradicional ativa um diálogo crítico sobre corpo, androginia e os limites impostos ao gênero.

Assim como Wilde no século XIX, Gottmik utiliza o vestir para desafiar convenções e afirmar novas possibilidades de ser. Ao manipular signos opostos no mesmo corpo, desestabiliza expectativas visuais e desafia os códigos sociais que separam masculino e feminino. Como propõe Lauretis (1994), o gênero é produzido por tecnologias culturais e pode ser desconstruído e produzido de outras formas por práticas visuais dissidentes. A *drag queen* usa o figurino não apenas como ornamento, mas como discurso, afirmando a legitimidade de uma transmasculinidade afeminada.

4. Considerações finais

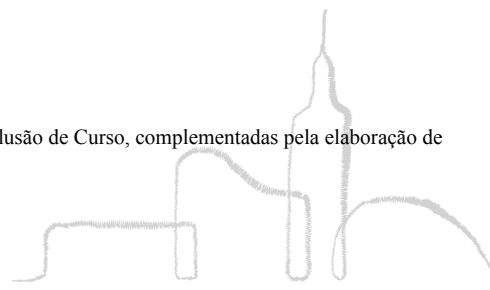
A moda transviada, presente na cultura LGBTQIAPN+, atua como ferramenta de resistência e expressão frente às normas cisheteronormativas. Este trabalho¹⁰, a partir da nossa perspectiva, analisou como Oscar Wilde e Gottmik utilizam o vestuário para subverter estereótipos de gênero em diferentes contextos históricos. Reconhecemos que existem outras leituras e vivências possíveis sobre o tema, e entendemos esta análise como uma contribuição situada dentro de um campo amplo e diverso.

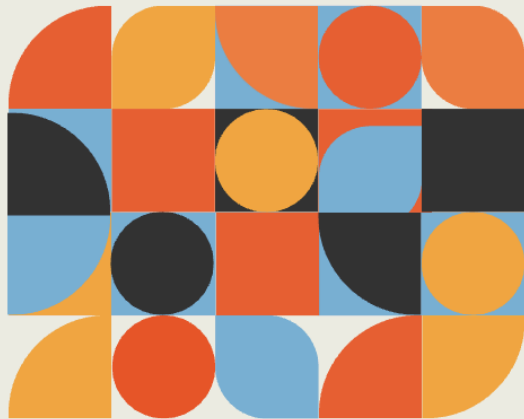
Com base em teorias de gênero e na análise de imagens, compreendemos que a moda ultrapassa a dimensão estética: é uma prática política, capaz de expressar subjetividades dissidentes. A moda transviada se afirma, assim, como linguagem de visibilidade e enfrentamento, promovendo outras formas de existir e se representar no mundo.

5. Referências

ADVERSE, A. O. **Dandismo: notas sobre distinção e dessemelhança**. Acervo, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 105–127, 2018. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/910>. Acesso em: 18 jun. 2024.

¹⁰ A pesquisa desenvolveu-se a partir de investigações realizadas pelas autorias no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso, complementadas pela elaboração de croquis e peças físicas simulando uma coleção de moda.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

BAKER, Roger. **Drag: A History of Female Impersonation in the Performing Arts**. New York: New York University Press, 1994.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. Edições Chão da Feira, **Caderno de Leituras** n.78, Jun 2018. Disponível em: <http://www.chaodafeira.com>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Baseado na obra original “**Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**,” publicada em 1990.

CRANE, Diane. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução de Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde**. Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.

GRIMM, Raíssa Éris. **Heteronormatividade e transfobia**: sobre a invisibilidade trans lésbica. 2017. Disponível em: <https://sapaprofana.wordpress.com/2017/02/01/heteronormatividade-e-transfobia-sobre-a-invisibilidade-trans-lesbica/>. Acesso em 30 mar. 2024.

HOLLAND, Marlin. **O Álbum de Óscar Wilde**. Tradução de Marcello Rollembergi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HOPKINS, John. **Fundamentos de Design de Moda: Moda Masculina**. Porto Alegre: Bookman

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244p. Pós-graduação – UFBA, Salvador, 12 jul, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/196>. Acesso em 18 abr. 2024.

Filmografia:

RUPAUL. **RuPaul’s Drag Race**. World of Wonder, 2021.

RUPAUL. **RuPaul’s Drag Race All Stars**. World of Wonder, 2024.

